

A INFLUÊNCIA DO TRABALHO ASSOCIATIVO NA VIDA DE MULHERES

AGRICULTORAS NO MUNICÍPIO DE MAFRA, SANTA CATARINA

Heloisa do Livramento Skonieczny¹
Margarida Berns Schafaschek²

Resumo: O presente estudo foi desenvolvido como trabalho final para o Curso de Extensão em Desenvolvimento Regional do Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional – PROESDE – e teve por objetivo investigar a influência do trabalho associativo na vida de mulheres agricultoras. Para isso conta com uma base teórica que promove esclarecimentos sobre o papel da mulher agricultora no sustento da família, o trabalho associativo como forma de união e fortalecimento de vínculos pessoais e o desenvolvimento regional baseado na participação dessas mulheres, que auxiliam, sobretudo no desenvolvimento econômico da região. Para o levantamento de dados foi elaborada uma entrevista semiestruturada, com perguntas abertas e fechadas, obtendo-se informações quanto ao aspecto pessoal das mulheres e o ponto de vista destas acerca do associativismo e do desenvolvimento regional e como isso afeta a sua vida. A entrevista foi realizada na Associação Vitória, situada na localidade de Augusta Vitória no interior de Mafra, Santa Catarina. A Associação produz biscoitos e trabalha com confeitaria, gerando emprego e renda a suas associadas, assim como aos agricultores familiares da localidade, já que utiliza produtos locais na fabricação dos alimentos. Através dos dados obtidos pode-se verificar que os sujeitos sentem-se satisfeitos com a associação, porém em momentos salientam a necessidade de maiores fontes de financiamento para o crescimento da instituição.

Palavras-chave: Trabalho Associativo. Geração de Renda. Questões de gênero.

1 INTRODUÇÃO

A procura por novas fontes de renda, que contribuam com o sustento da família, sem abandonar suas responsabilidades domésticas, faz com que as mulheres agricultoras se unam para produzir bens ou serviços.

As associações do ramo agropecuário reúnem produtores rurais com o objetivo de produção em comum e a venda de produtos, como doces, bolachas ou vestimentas, agregando valor financeiro à mercadoria, o que conseqüentemente valoriza o associado, no caso, as mulheres, que participam das atividades e veem na sua participação uma forma de crescimento pessoal e profissional.

¹ Estudante da 7ª fase do curso de Psicologia da Universidade do Contestado – Campus Mafra. E-mail: hls.heloisa@gmail.com

² Professora orientadora do Curso de Extensão em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado. Campus Mafra. E-mail: margarida@unc.br

Sendo assim, questiona-se: o trabalho associativo influencia positivamente a vida das mulheres agricultoras no município de Mafra, Santa Catarina?

A interação social é uma necessidade humana. É preciso viver em sociedade e desenvolver atividades que gerem sustentabilidade para si e sua família.

Devido à posição cultural estabelecida, muito embora há muito tempo as mulheres tenham conquistado diversos direitos, na agricultura os homens, em geral, ainda assumem o papel de responsáveis pela renda familiar, enquanto as mulheres ficam encarregadas do serviço doméstico e da criação dos filhos, como afirma Carneiro (1994, p.11): “aquela que deve ficar em casa, cuidar dos filhos e obedecer às ordens (do marido ou do pai)”.

Com o auxílio da prática associativista, que promove o trabalho coletivo, a autogestão e a justiça social, oferecendo a seus associados a oportunidade de crescimento pessoal e profissional, as mulheres começam a ganhar espaço no mercado de trabalho no meio rural, sem deixarem de lado seus afazeres domésticos.

Cooperativas ou associações de fabricação caseira de doces ou bolachas, cultivo de hortas, venda de bordados e costuras, fazem com que as mulheres usem de suas habilidades para gerar renda à sua família.

Por vezes o foco das atenções se dá a cooperativa ou associação, a sua administração, esquecendo-se de seus associados, em como o trabalho traz benefícios para seus membros, quanto ao seu bem-estar físico, psicológico, social e porque não, espiritual.

Um ambiente de aprendizagem, de geração de renda e de auxílio coletivo promove a identificação das mulheres, gerando maior qualidade de vida e respeito.

Assim ao pesquisar a influência que o trabalho associativo tem na vida das mulheres, poderão ser feitas relações entre a sua participação e os benefícios desta para sua vida pessoal e social.

O presente trabalho objetivou investigar a influência do trabalho associativo na vida de mulheres agricultoras no município de Mafra, Santa Catarina.

2 A MULHER RURAL

A desigualdade de gênero ainda é um desafio para a sociedade atual, especialmente quando se trata do meio rural. Enquanto os homens desempenham funções “superiores”, de liderança, e trazem renda para a família, as mulheres

agricultoras continuam exercendo o papel de mães e donas-de-casa.

Pelo sexo se distingue os seres vivos. Entretanto, as pessoas são capazes de criar e incorporar costumes, idéias e valores repassados através de gerações. Nossa cultura começa educando as crianças de formas distintas e é a partir das diferenças sexuais e culturais que a sociedade cria idéias sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Isso denominamos Identidade de Gênero (CONFEA, 2014).

Portanto é pela cultura que se estabelecem padrões aos quais todos são levados a cumprir, os quais caracterizam os seres por sua aparência, pela posição social, ou pelo gênero, delimitando a capacidade de cada um, conforme enfatiza Lages (2005, p. 04):

Com uma cultura fortemente internalizada, que as colocou no lugar de eternas doadoras, nutridoras, quando se enfatiza seu altruísmo como sendo uma qualidade feminina, as mulheres acabam por adotar comportamentos que reproduzem esses papéis, e que redundam por construir barreiras no mundo do trabalho.

“É do produto desses dois fatores - o de pertencer ao gênero feminino e o de ocupar uma posição determinada na estrutura socioeconômica - que resulta a identidade, ou melhor, as identidades múltiplas da mulher rural” (CARNEIRO, 1994, p. 14), que se torna ao mesmo tempo mãe, esposa e dona-de-casa, mas que precisa mostrar sua posição como trabalhadora.

Esta procura por uma posição mais favorável ao seu gênero, que lhe assegure autonomia e maior valorização frente à hierarquia da família, e na busca por melhores condições de vida, relaciona-se com

a identidade da mulher [que] está centrada nos seus papéis de mãe e esposa que, no campo, representam também a vinculação com a terra. Pois é da terra que se extraem os produtos para alimentar os filhos e suprir a casa, sendo, portanto, condição para o exercício dos papéis de mãe e esposa. (CARNEIRO, 1994, p. 19)

A mulher rural luta por seus direitos como cidadã, luta por uma posição mais justa, por uma sociedade mais igualitária que reconheça seu potencial criativo e estratégico que transforma vínculos em superação de dificuldades principalmente socioeconômicas, conquistando engajamento coletivo e visibilidade social (LIMA, 2008).

O desempenho de pequenas atividades dentro da agricultura familiar, objetiva o autoconsumo da família, (OLIVEIRA *et. al.*, 2007) e faz com que as mulheres consigam adquirir renda, mesmo em atividades restritas ao ambiente doméstico, que prestigiam habilidades como culinária, cuidados em plantas, mas que promovem o

autosustento da mulher e de sua família.

2.1 TRABALHO COOPERATIVO/ASSOCIATIVO

A organização em cooperativas ou associações pode proporcionar às mulheres situações nas quais desenvolvam sua identidade como trabalhadoras ativas e capazes de sustentar ou contribuir para o sustento de sua família.

Segundo a Organização de Cooperativas Brasileiras (OCB, 2008), cooperar consiste na união de pessoas para enfrentar, conjuntamente, situações adversas, no sentido de transformá-las em oportunidades e bem-estar econômico e social, assim este conceito embasa a ideia de união e reconhecimento que deve ser repassado à mulher.

O pensamento cooperativo está entrelaçado ao da economia solidária, que dissemina a “possibilidade de sobrevivência das camadas da população excluída do mercado formal de trabalho” (COUTINHO, *et. al.*, 2005, p. 08). Pelo trabalho democrático e autogestionário, a população excluída pode ter vez e voz, e nesta população incluem-se as mulheres.

O cooperativismo, segundo a OCB (2008), pode ser entendido como um movimento, uma filosofia de vida e modelo socioeconômico capaz de unir desenvolvimento econômico e bem-estar social. Fundamentado na reunião de pessoas e não no capital, visa às necessidades do grupo e busca prosperidade conjunta, associando valores universais pela participação democrática, solidariedade, independência e autonomia, fazendo valer os direitos e deveres de cidadão.

Baseada na justiça social e na abolição da divisão social, pela geração de possibilidades econômicas destinadas a interação das pessoas, o cooperativismo preza pelo resgate a cidadania de seus integrantes.

Culti (2004, p.16) salienta que

Por certo há, visto que, nos empreendimentos que se formam, como as cooperativas, onde todos têm a mesma condição, o princípio organizativo e de igualdade de direitos deveres e ganhos de forma ampla e irrestrita, independentemente de serem homens ou mulheres.

Contudo a mulher busca o reconhecimento de suas potencialidades no que tange a igualdade de gênero, o crescimento profissional e o fortalecimento de vínculos sociais, reconhecimento este que pode ser encontrado em uma cooperativa ou associação, pois para Lima (2008, p. 7): “Na cooperativa, esta sociabilidade deve ser

administrada principalmente pelas mulheres que são capazes de acumular forças e distribuí-las sabiamente na arte de produzir conquistas, pessoais e coletivas”.

Logo, os princípios cooperativos descritos pela OCB (2008), tanto como a autoajuda, a responsabilidade, a democracia, a igualdade, a solidariedade e a ética, quanto a participação voluntária e econômica, de informação e educação, para seus participantes e para a comunidade em geral, seriam uma forma de inclusão das mulheres, atribuindo-lhes valor e respeitando suas opiniões.

Contudo o trabalho cooperativo ou associativo não gera apenas renda, mas oferece um ambiente de interação e de convivência para seus cooperados/associados. Assim o relacionamento interpessoal presente afeta a estrutura sociocultural e o ambiente físico, bem como aqueles envolvidos.

É por este trabalho que as mulheres “reconhecem os prazeres da apropriação da força de trabalho, da disposição do tempo, da possibilidade da aprendizagem, da autoestima recuperada e a descoberta do outro como possível cooperador.” (MIRANDA; GARCIA, 2010, p. 305).

Os sentimentos de lealdade, dedicação, sensibilidade à vivência dos colegas, sacrifícios feitos pela família e orgulho, transpassam os processos administrativos da associação e reforçam os ideais das mulheres, que batalham pela sobrevivência individual diária e buscam oportunidades de trabalhar (MIRANDA e GARCIA, 2010).

O altruísmo, a solidariedade, a autonomia, e a ascensão tornam-se presentes na relação cooperativista entre as mulheres, fortalecendo vínculos afetivos e profissionais no grupo, e incentiva a busca pela identificação da mulher (LIMA, 2008).

Lacerda e Santos (2014, p. 12) destacam algumas mudanças, como

o aprendizado do trabalho coletivo autogestionário; o crescimento pessoal; o desenvolvimento e a descoberta de potencialidades; a ampliação da visão de mundo; o exercício da consciência ambiental por meio [...] (do trabalho feito); e a importância da participação nas decisões da cooperativa.

As mulheres sentem-se parte de um grupo, se identificando por seus objetivos e aprendem a respeitar os limites do outro, exercendo a sua cidadania.

Adquirindo assim o reconhecimento das mulheres, pelas novas formas de produção, que demonstram a sua capacidade de trabalhadoras ativas, sem deixarem suas responsabilidades domésticas, vinculando os papéis familiares profissionais e sociais a elas atribuídos.

Observa-se que o trabalho em cooperativas ou associações oferece

possibilidades de inserção da mulher no mercado de trabalho, e as tornam mais participativas na comunidade. Com isso podem assumir responsabilidades de cidadãs envolvidas com o desenvolvimento de sua região.

2.2 DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Pelo crescente processo de globalização, faz-se necessária a busca por novas alternativas de interação social, que objetivem a realidade de trabalho, os vínculos sociais, políticos, econômicos e educativos, apresentando novas perspectivas, potencialidades e desafios (BUTTENBENDER, *et.al.*, 2010).

O trabalho cooperativo surge com uma destas alternativas. Unindo pessoas pela necessidade de novas formas de geração de emprego e renda, principalmente para aquelas tidas como excluídas. Mas este não gera crescimento apenas para os envolvidos, mas para toda a população, designando assim o desenvolvimento de uma região.

Para Buttenbender et al (2010, p.07):

A construção do desenvolvimento local é fruto da participação efetiva da comunidade, cuja centralidade está no ser humano como sujeito, com as mais diversas possibilidades de realização quanto à forma, organização, mas tem na cooperação um princípio fundamental.

Ao desenvolver a associação deve-se levar em consideração, portanto: a população, o bem produzido e oferecido, a disponibilidade local, para que gere benefícios tanto sociais quanto econômicos, prezando pelo crescimento e desenvolvimento de ambas as partes – as pessoas e o território.

Para Nascimento, (2000, p.9 *apud* FAQUETI, 2010, p.36):

Pela tradição e importância da agricultura, é importante ressaltar o papel dinâmico que as cooperativas podem desempenhar no processo de desenvolvimento, o que justifica estes comentários específicos, justamente porque isso só será alcançado se princípios importantes forem mantidos. Também não se pode negar que o crescimento do cooperativismo no país se deve fundamentalmente ao setor agrícola, tanto pelo volume de negócios que ele envolve quanto pelo seu dinamismo.

O trabalho cooperativo gera emprego e renda e favorece o crescimento pessoal e profissional de seus associados, e quando se trata do setor rural, beneficia a população que pode melhorar suas condições de vida sem deixar de produzir, pois agrega maior valor ao seu produto e é reconhecido por suas atividades.

Logo, cooperação está ligada a denominação de desenvolvimento, e no que

tange o trabalho da mulher, atribui-lhe reconhecimento e valor.

2.3 METODOLOGIA

2.3.1 Natureza e Tipo de Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, pois “procura o progresso científico, a ampliação de conhecimentos teóricos, sem a preocupação de utilizá-los na prática. É a pesquisa formal, tendo em vista generalizações, princípios, leis.” (MARCONI e LAKATOS, 1999, p.22) bem como explicativa, já que tem “como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade” (GIL, 1991, p. 46).

Quanto aos objetivos ela é de caráter qualitativo, pois busca o levantamento de informações acerca do tema, mas a expressão em medidas numéricas denota também uma pesquisa quantitativa, através dos quadros e gráficos, que prezam pela legitimidade das informações.

2.3.2 Universo

Determinou-se que o universo a ser pesquisado deveria ser constituído pelas associações situadas na zona rural do município de Mafra que eram constituídas somente por mulheres, o que se verificou que ocorria somente em uma delas. Assim, constatou-se que a Associação Vitória era composta por 04 mulheres, das quais 03 eram associadas e 01 era contratada por dia para auxiliá-las na fabricação dos biscoitos.

Como critério de inclusão utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde todas as participantes que estavam presentes na instituição na data da pesquisa aceitaram participar do estudo.

2.3.2.1 A Associação Vitória

Criada em 2002 a “Associação Vitória”, localiza-se a aproximadamente 15 quilômetros da BR-280, na localidade de Augusta Vitória, interior de Mafra, Santa Catarina. Tem por atividade principal a fabricação e comercialização de biscoitos, assim como a de confeitaria, para a região tanto rural quanto urbana, atendendo em

torno de 13 comunidades.

Formada atualmente por 04 mulheres da mesma família, sendo elas 03 irmãs e 01 cunhada, conta também com a ajuda de pelo menos outras 02 mulheres para as épocas de maior movimento, como Páscoa e Natal. Porém já contou com a participação de mais 04 associadas.

No início elas se uniram para desenvolverem alguma atividade que gerasse renda sem que precisassem sair da comunidade na qual residiam. Pensaram em trabalhar primeiramente com flores, mas por discordância de uma delas abandonaram a ideia e resolveram fabricar biscoitos.

Instalaram-se na cozinha de uma das associadas, que com o passar do tempo ficou pequena e por indicação da Vigilância Sanitária foi necessária a construção de uma fábrica para este fim, para atender a legislação sanitária. Entretanto era necessário investir para o negócio crescer, foi então utilizado um financiamento para a compra de fornos, o que foi possível através do Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF Mulher). Uma das dificuldades salientadas consiste na dificuldade em encontrar novas fontes de financiamento para expandir a Associação.

Este também foi o motivo que levou duas das antigas sócias a desistirem, por não querer assumir financiamentos, outra delas por não ter tempo de continuar participando do grupo, levando em consideração suas atividades domésticas e uma quarta por conseguir um emprego formal.

Assim a Associação chegou à formação que tem hoje, composta por mulheres que, em sua maioria, possuem uma atividade extra em casa, como a cultura do fumo, mas que trabalham na produção dos biscoitos visando o aumento da renda familiar.

2.3.3 Instrumento de Coleta e Levantamento da Análise de Dados

Para a coleta de dados foi formulada uma entrevista semiestruturada composta por 05 perguntas, abertas e fechadas, que visa contemplar os objetivos deste estudo. Bem como a utilização de um gravador para a captação dos dados. Após a entrevista as informações foram transcritas no programa *Word* e analisadas com o auxílio de Quadros de Relatos para facilitar a comparação das respostas obtidas.

Para o desenvolvimento dos gráficos foi utilizado o programa *Excel* proporcionando a visualização e melhor compreensão das informações obtidas.

2.4 RESULTADOS

Por se tratar de um estudo qualitativo os resultados serão apresentados através de Quadros de Relato, onde o relato de cada sujeito participante do estudo será contemplado a partir da numeração sequencial de *sujeito 1*, *sujeito 2*, *sujeito 3* e *sujeito 4*.

O quadro abaixo apresenta as características sociais das participantes do estudo.

Quadro Nº 01: Características sociais das Integrantes da Associação Vitória

	IDADE EM ANOS	ESTADO CIVIL	NÚMERO DE FILHOS	ESCOLARIDADE	TEMPO DE INGRESSO NA ASSOCIAÇÃO (ANOS)
Sujeito 1	42	Casada	2	Ensino Médio completo	12
Sujeito 2	64	Casada	3	Séries iniciais completo	12
Sujeito 3	55	Casada	2	Séries iniciais completo	12
Sujeito 4	33	Casada	1	Ensino Médio completo	Aproximadamente 2

Fonte: Autor (2014).

Segundo o Quadro 01, pode-se observar que os sujeitos deste estudo possuem idades entre 33 e 64 anos, em uma média de 48,5 anos. Observa-se também que são em sua totalidade casadas e com filhos, variando de 1 a 3. Quanto à escolaridade 50% dos sujeitos possuem o Ensino Médio completo, ou seja, cursaram até a terceira série do Ensino Médio, possuindo escolaridade básica, e os demais 50% possuem escolaridade até as séries iniciais, ou seja, até a 4ª série do Ensino Fundamental.

Relativo ao tempo de ingresso na Associação 75% dos sujeitos referem-se a 12 anos e 25% a aproximadamente 2 anos. Sendo assim, observa-se que os sujeitos possuem uma média de idade considerada de média a elevada, escolaridade entre básica e fundamental, e tempo de ingresso elevado de 12 anos, levando em consideração e tempo de existência da Associação. Nota-se também que 100% dos sujeitos possuem uma família, composta pelo menos de marido e filhos.

Buscando atingir os objetivos propostos, o questionamento realizado em seguida foi: Como aconteceu a sua entrada nesta associação? O Quadro abaixo discrimina as verbalizações:

Quadro Nº 02: Como aconteceu a sua entrada na Associação Vitória?

Sujeito 1	SIC “Quando eu casei, sabe, meu marido não plantava fumo... daí eu comecei a trabalhar com a [nome de outra associada] (...) e daí eu falei: ‘Vamos inventa alguma coisa... pra nós, pequeno assim’. E surgiu a ideia, né, de ‘fazê’ biscoito”.
Sujeito 2	SIC “O meu marido inventivo... e falo pra nós junta um grupo, pra consegui financiamento e nós já ‘tava’ fazendo biscoito e daí ‘convidemo’ as irmãs e começamos”.
Sujeito 3	SIC “A minha irmã e a cunhada, convidaram ‘nóis’, né, para começa a ‘fazê’ bolacha, e depois, financiemos os fornos e o negócio cresceu”.
Sujeito 4	SIC “A minha sogra é associada, né, e daí quando ela falta, não pode ir... ela pede pra eu vim substitui ela”.

Fonte: Ator (2014)

Referente ao Quadro 02 observa-se que a Associação é familiar, pois 100% dos sujeitos trazem em seu discurso algum grau de parentesco com outro sujeito. Quanto à inserção, pode-se notar que os sujeitos tiveram incentivo ou foram convidados por um terceiro, como por exemplo, o marido ou a sogra.

O segundo questionamento diz respeito a: Como se sente depois que começou a participar da associação? O Quadro a seguir traz os relatos:

Quadro Nº 03: Como se sente depois que começou a participar da Associação Vitória?

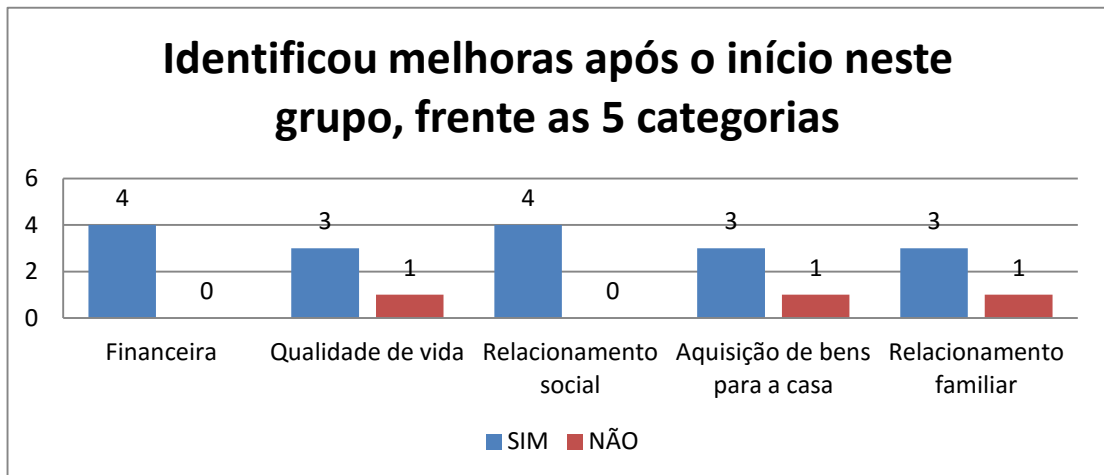
Sujeito 1	SIC “Ah... é outra vida, né? Digamos, quando eu... quando a gente olha pra tudo o construiu, né... porque é nos quatro juntas (...)”
Sujeito 2	SIC “Mais serviço, né...e eu senti, assim que eu fico mais conhecida assim por fora, né.”
Sujeito 3	SIC “É bom, onde vai, já sabe quem é, aonde vem chamam de ‘bolachera’(...)”
Sujeito 4	SIC “As mulher aqui são bem unidas. E é bom porque, elas convidam a gente pra vir ajuda.”

Fonte: Ator (2014)

Percebe-se que os sujeitos trazem em seu discurso, aspectos que denotam sentimento de orgulho quanto ao que conseguiram construir e de reconhecimento pelo trabalho prestado, pelo produto oferecido. Nota-se também o trabalho em equipe que motiva as associadas a permanecerem unidas, assim como o incentivo para que outras mulheres também participem.

Sobre o questionamento “Identificou melhoras após o início neste grupo, nas questões”: que foi dividido em 05 categorias, sendo elas: financeira, qualidade de vida, relacionamento social, aquisição de bens para a casa, e relacionamento familiar, as respostas encontram-se representadas no gráfico abaixo:

Gráfico Nº 01: Identificou melhoras após o início neste grupo, frente a 5 categorias.



Fonte: Dados do Estudo (2014)

Observa-se que 100% dos sujeitos estudados identificaram melhorias nos aspectos financeiro e relacionamento social e 75% destes em qualidade de vida, aquisição de bens para a casa e relacionamento familiar.

Os relatos obtidos para a exemplificação das melhorias percebidas pelos sujeitos foram descritos no Quadro a seguir:

Quadro Nº 04: Relatos sobre a identificação de melhorias após o início no grupo, nas 5 categorias estudadas.

	FINANCEIRA	QUALIDADE DE VIDA	RELACIONAMENTO SOCIAL	AQUISIÇÃO DE BENS PARA A CASA	RELACIONAMENTO FAMILIAR
SIM	“Ah é bom né, sabe que você ganha o seu dinheiro, né”. (SIC Sujeito 3)	“Ah muda tudo, né. A gente participa, que nem nós aqui... é reunião, tem curso e daí a gente cresce e aprende mais, né” (SIC Sujeito 1)	“Também tá bom, porque tudo mundo conhece e vêm conversa ‘ca’ gente” (SIC Sujeito 3)	“Nossa, até uma ‘daquelas máquina’ de lava, sabe, que faz tudo, eu consegui compra”. (SIC Sujeito 2)	“É bom, né, porque a sogra sempre convida... e eu gosto de vir aqui... faze e aprende”. (SIC Sujeito 4)
NÃO	Nada a constar	SIC “É... saúde, assim... quando você vê que não pode ‘cas’ pernas, aí você corre, né...” (Sujeito 2)	Nada a constar	“Assim... na verdade, coisas pra casa é eu e meu marido, nós dois que compramos. Mas o dinheiro que vem daqui, eu uso pra, tipo assim,	“Aí dificulta... não, porque aqui tem as cunhadas... e a sogra dela sempre comentava, que trabalha muito de noite... que não tem horário, final de semana... (...) tem que dá mais atenção pro marido, ‘pros filho’.”

				roupa, arruma cabelo, unha e pro meu 'piá'." (SIC Sujeito 4)	(SIC Sujeito 1)
--	--	--	--	--	-----------------

Fonte: Dados do Estudo (2014).

Evidencia-se que a melhoria na questão financeira deriva de uma nova fonte de renda vinda da Associação, que auxilia nas despesas da própria instituição, assim como das próprias associadas, o que pode ser refletido na aquisição de bens para a casa. Sobre esta aquisição nota-se que o auxílio financeiro é usado não apenas para bens materiais, mas para a utilização com o próprio sujeito, aumentando o bem-estar deste, por usá-lo para fins estéticos, como roupas, cabelo e decoração de unhas, bem como para a sua família.

Quanto à qualidade de vida denota-se o bem-estar físico, psicológico e social que é percebido pelos sujeitos. Sendo assim observa-se que os sujeitos enfatizam o pertencimento ao grupo e as aprendizagens decorrentes desta participação. Porém quanto ao bem-estar físico um dos sujeitos refere-se às dores que sente.

Sobre o relacionamento social destaca-se a ideia de participação, limitando-se ao grupo de associadas e dos locais de venda do produto. Já quanto ao relacionamento familiar, cabe ressaltar que a Associação é caracterizada como familiar, sendo assim as relações de amizades geradas ali são refletidas no contexto familiar, apenas reclamam da falta de tempo para os demais integrantes da casa, como marido e filhos, pela demanda de serviço principalmente nos finais de semana.

No que se refere às melhorias observadas pelo trabalho cooperativo pelos sujeitos estudados, observa-se que em 85% das respostas obtidas houve melhorias enquanto que em 15% evidenciam alguma falha, resultando em aspectos negativos quanto à participação na Associação.

Frente ao último questionamento: No seu entendimento, as cooperativas e associações, e em especial a sua, podem influenciar no desenvolvimento da região? Como?

O quadro a seguir demonstra os relatos:

Quadro Nº 06: No seu entendimento, as cooperativas e associações, e em especial a sua, podem influenciar no desenvolvimento da região?

	RESPOSTA	EXPLICAÇÃO
Sujeito 1	Sim	SIC "Veja, eles não faziam festa da comunidade, dai ofereceram pra nós, se nós fazia a comida, pra 'vende', e dai a gente faz, uma

		semana... e também fazemos pra aniversário, casamento, velório...”
Sujeito 2	Sim	SIC “Porque, aqui, tem várias pessoas, digamos, que produz, por exemplo, (...) ovo, a ‘manteiga’ e daí não sabe o que ‘faze’ e daí né, traz aqui, e vende ou leva biscoito”.
Sujeito 3		SIC “Porque faz o dinheiro movimenta, né? Que nem agora, né é época que o pessoal planta fumo né, e vem busca aqui pão, bolacha, né.”
Sujeito 4		SIC “Eles empregam muita gente (...)”

Fonte: Dados do Estudo (2014).

Observa-se que 100% dos sujeitos estudados evidenciam a influência da Associação na comunidade na qual está inserida, bem como, naquelas ao redor que fazem uso do produto fabricado.

Por se tratar de uma comunidade mais retirada, a comercialização naquele local evita o deslocamento da população, fazendo com que usem a Associação para o fornecimento de docinhos para festas, ou para uma ocasião especial.

Como principais influências destacam-se a comercialização de produtos coloniais, o emprego de outras pessoas não-associadas, a movimentação do dinheiro, e em especial a realização de festas, podendo ser de aniversário, casamento, da Igreja, bem como em comemoração a fundação da comunidade, e até mesmo velórios, que pode auxiliar na divulgação dos produtos da própria Associação, assim como da comunidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste estudo pode-se observar que são poucas as associações ou cooperativas exclusivamente femininas, dentro do território de Mafra, pois apenas a Associação Vitória possuía esta característica. Através dos dados obtidos e analisados com a entrevista pode-se verificar que os sujeitos sentem-se satisfeitos com a associação, porém salientaram a necessidade de maiores fontes de financiamento para o crescimento da instituição.

Os sentimentos identificados são os de orgulho e pertencimento ao grupo, bem como de união e confiança entre os sujeitos e de reconhecimento social.

Observa-se também que estes identificam mudanças em sua vida pessoal após o início da participação na Associação, salientando a questão financeira e de aquisição de bens para a casa.

Quanto ao relacionamento social verifica-se maior dentro da Associação em relação à participação na comunidade, já o relacionamento familiar mantém-se bom

entre as associadas e um pouco prejudicado quanto ao tempo disponível para o marido e filhos, ou para trabalhar em casa.

Portanto pode-se concluir que a participação na Associação Vitória influenciou de forma positiva a vida de seus associados, aumentando a renda destes e corroborando em sua qualidade de vida e relacionamentos interpessoais, indicando assim crescimento pessoal e profissional.

O PROESDE proporciona ao aluno a reflexão sobre sua região, levando-o a se questionar sobre o que está acontecendo ao seu redor. Assim, a realização de um estudo na região de abrangência da 25ª Secretaria de Desenvolvimento Regional, que abrange o município de Mafra, dentre outros, faz com que o aluno busque explicações sobre determinado fenômeno e oferece informações de como o seu curso de graduação pode contribuir com o desenvolvimento desta região.

Com a realização desta pesquisa pode-se observar que o desenvolvimento pode ser promovido a partir de uma localidade, desde que haja pessoas interessadas em melhorar a qualidade de vida de todos. Às vezes pequenas ações geram grandes resultados.

A principal dificuldade foi unir a Psicologia ao Desenvolvimento Regional, mas ao pesquisar mais a fundo, buscar novos pontos de vista, pode-se notar que em todos os sentidos estamos falando às pessoas. Pessoas preocupadas, que desejam o melhor para si e para as gerações futuras.

O desenvolvimento de uma região não é algo imediato, precisa ser estimulado, propostas precisam ser feitas e devem ser colocadas a prova sempre que necessário.

Existe uma frase que diz “Nada nesta vida são fatos isolados”. Assim não é uma pessoa, uma pesquisa ou um curso que, de forma isolada, vai mudar a vida da população. Mas seres que constantemente estejam engajados em causas comuns podem ser agentes de transformação social, assim como o trabalho cooperativo ou associativo, que pode beneficiar não apenas um grupo de mulheres, mas a população de toda uma região.

REFERÊNCIAS

BÜTTENBENDER, P. L. et al. **O cooperativismo e as contribuições para o desenvolvimento regional**. 2010. Disponível em: <<http://www.fearp.usp.br/cooperativismo/26.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

CARNEIRO, Maria José. **Mulheres no campo**: notas sobre sua participação política e a condição social de gênero. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, p. 11-22. São Paulo: 1994. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1870-350X2008000400010&script=sci_arttext >. Acesso em: 02 out. 2014.

CONFEA, Conselho Federal de Engenharia e Agronomia. **A mulher na atividade agrícola**. Disponível em: < <http://www.confea.org.br/media/Palestra-A%20mulher%20trabalhadora%20agricola.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

COUTINHO, Maria Chalfin; *et. al.* **Novos caminhos, cooperação e solidariedade**: a psicologia em empreendimentos solidários. In: **Psicologia & Sociedade**, vol. 17, n. 1, p. 17-28, Porto Alegre: 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000100002>. Acesso em: 02 out. 2014.

CULTI, Maria Nezilda. **Mulheres na economia solidária**: desafios sociais e públicos. 2004. Disponível em: <<http://www.unitrabalho.uem.br/artigos/Texto%20Mulheres%20e%20Economia%20Solid%C3%A1ria.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2014.

FAQUETI, Taionara Maria. **Crescimento solidário**: o cooperativismo no Brasil. 2010. Disponível em: <http://www.bc.furb.br/docs/MO/2010/347040_1_1.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LACERDA, Constantina Ana Guerreiro; SANTOS, Kelita Cristiny. **Cooperativa de trabalho e a condição feminina**. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt3/cooperativa_de_trabalho.pdf>. Acesso em: 18 out. 2014.

LAGES, Sônia Regina Corrêa. **Desafios do empreendedorismo feminino**: uma reflexão sobre as dificuldades das mulheres pobres na condução de projetos geradores de renda. In: **Revista Estação Científica**, Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <<http://portal.estacio.br/media/3346533/4-desafios-empreendedorismo-feminino-reflexao-dificuldades-mulheres-pobres-conducao-projetos-geradores-renda.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MIRANDA, Raquel Ferreira; GARCIA, Agnaldo. **As mulheres da Ilha das Caieiras**: relacionamento interpessoal e cooperação na formação e funcionamento de uma cooperativa. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 12, n.10, p.301-317, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v13i2p301-317>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

OCB. Organização das Cooperativas Brasileiras, 2008. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo>>. Acesso em: 28 out. 2014.

OLIVEIRA, Priscila R. C. de; *et. al.*. **Agricultura familiar e as relações de gênero**: um estudo da trajetória da mulher na agricultura familiar. 2007. Disponível em: <http://correio.fdvmg.edu.br/downloads/SemanaAcademica2007/Anais_Artigos/Agricultura_Familiar.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2014.